

História das mulheres

uma entrevista com Rachel Soihet

Rachel Soihet é doutora em História Social pela Universidade de São Paulo e professora titular da Universidade Federal Fluminense. Vem atuando em núcleos e grupos de pesquisa ligados à temática de gênero, além de ser membro do corpo editorial das revistas *Universidade Rural – Série Ciências Humanas e Sociais*, *Cadernos Pagu*, *Caderno Espaço Feminino* e *Gênero*. Publicou importantes títulos, dentre os quais se destacam *O feminismo tático de Bertha Lutz* (Florianópolis, Mulheres, 2006) e *A subversão pelo riso* (Uberlândia, Edufu, 2008).

Entrevista concedida por correio eletrônico a Natália de Santanna Guerellus em março de 2011, a partir de roteiro elaborado por Natália de Santanna Guerellus e Rebeca Sobral Freire.

Conte um pouco sobre sua trajetória pessoal e sobre como o trabalho com a História tornou-se uma opção profissional. Como você vê a relação entre eles?

Não tenho dúvida de que questões existenciais levaram ao meu interesse pela História das Mulheres. Entre outros, a observação, desde muito jovem, de que as mulheres ocupavam espaços separados nas festinhas, com conversas sobre casa e crianças, enquanto os homens detinham-se nos assuntos “sérios” ligados aos negócios, à política, etc., quando não a contarem piadas das quais aquelas eram excluídas, era alguma coisa que muito me incomodava. E, impregnada dessas discordâncias quanto à divisão de papéis como algo definitivo e “natural”, fui percebendo o quanto as mulheres ficavam prejudicadas no desenvolvimento de suas potencialidades, especialmente nos planos intelectual e profissional.

A partir da sensibilidade para tal questão, quando da escolha do tema para a dissertação de mestrado, calou em mim a sugestão de uma amiga e companheira de mestrado de que me voltasse para a abordagem de um tema ligado às mulheres no período do primeiro governo Vargas.

Quais foram seus trabalhos de maior repercussão na área da História e por que sua opção por temas tão inovadores?

É difícil para mim apontar quais dos meus trabalhos tiveram qualquer repercussão. De qualquer forma, destaco a minha citada dissertação de mestrado sobre o movimento liderado por Bertha Lutz, que teve como alvo o acesso das mulheres à cidadania no Brasil. Como já afirmei em outro local, eu era a única na época, na pós-graduação da Universidade Federal Fluminense, a enveredar sobre tal temática. Meu orientador, Stanley Hilton, era especialista no período Vargas, nada conhecendo sobre História das Mulheres, feminismo e coisas similares, embora fosse sensível à relevância da temática e até me “desse força”. Dessa forma, o isolamento intelectual, as dificuldades de orientação e os subsequentes obstáculos quanto ao conhecimento da bibliografia mais recente sobre o assunto e do instrumental teórico metodológico a ser utilizado no tratamento da questão foram sérios complicadores. Hoje tenho retomado muito daquela pesquisa e publiquei um texto revisitado na *Revista Brasileira de Educação*, 15 (2000), mas que só saiu em 2001, assim como a obra *O feminismo tático de Bertha Lutz*, publicada pela Editora Mulheres, em 2006.

No meu doutorado feito na Universidade de São Paulo, no período de 1982 a 1986, continuei a trabalhar com a História das Mulheres, embora numa ótica diversa daquela do mestrado. Agora, interessava-me pelas mulheres pobres no Rio de Janeiro, numa conjuntura plena de transformações, entre 1890 e 1920, correspondente à “Belle Époque”. Focalizar o cotidiano das mulheres anônimas, que uniam as mazelas do sexo àquelas de classe, sem esquecer da etnia, foi o meu objetivo. Trabalhei, principalmente, com processos criminais e não estava disposta a apresentar, apenas, a dimensão vítima de tais mulheres. Queria esquadrihar suas estratégias de resistência, descartando uma visão indicadora, unicamente, da ação do poder sobre os, ou melhor, as dominadas passivas. Assim, optei por trabalhar com os processos de mulheres na situação de acusadas. Consultei 339 processos e vários outros documentos: jornais, revistas, relatórios policiais, teses médicas, obras literárias do momento, recenseamento etc. A influência da Antropologia nesses estudos, particularmente no meu, já se fazia presente. Não ainda quanto à explicitação do conceito de gênero, que já se encontrava implícito, mas na utilização do conceito de Gilberto Velho de “política do cotidiano” no tratamento das múltiplas relações estabelecidas pelas mulheres focalizadas com outras mulheres e homens. Outras historiadoras já vinham trabalhando nessa vertente, como Maria Odila Dias, no seu trabalho sobre o cotidiano das mulheres pobres em São Paulo. No exterior, Michelle Perrot, Arlette Farge, Natalie Z. Davis, entre outras. Nesse trabalho, intitulado *Condição feminina e formas de violência. Mulheres pobres e ordem urbana* (publicado em 1989 pela Editora Forense Universitária), por meio do exame de crimes de infanticídio cometidos por mães, em sua maioria numa situação de desespero, mais uma vez ficava claro constituir-se o sentimento de maternidade em uma construção social. Na época dessa pesquisa, havia sido recém-publicada no Brasil a obra *Um amor conquistado: o mito do amor materno*, da francesa Elisabeth Badinter sobre o assunto, e também Simone de Beauvoir já tinha discutido essas relações da figura materna com a criança, apontando que nem todas as mulheres seriam mães maravilhosas. Afirmava Beauvoir que mulheres insatisfeitas, irrealizadas, buscavam compensar por meio dos filhos suas frustrações.

Terminado o doutorado em 1986, comecei a trabalhar na pós-graduação em 1987. Não me limitei a focalizar a História das Mulheres; igualmente, a História Cultural mereceu, desde então, minha atenção. Inclusive desenvolvi pesquisas focalizando festas populares, como a Festa da Penha e o Carnaval carioca, desde a virada do século XIX para o XX até o período Vargas, nas quais a presença das mulheres sempre se fez sentir. Trocas culturais,

resistência, cotidiano, cidadania foram alguns dos conceitos que se me tornaram caros. E ao trabalhar com História das Mulheres procuro sempre articular a História Cultural e a História Política. Como resultado, elaborei minha tese de titular que publiquei com o título *A subversão pelo riso: estudos sobre o Carnaval carioca da Belle Époque ao tempo de Vargas*, publicada, anteriormente, pela Fundação Getúlio Vargas e, a partir de 2008, pela Editora da Universidade Federal de Uberlândia.

Como se deu seu contato com o feminismo?

O gérmen do feminismo estava latente em mim de longa data. Mas, sem dúvida, as lutas feministas, a partir de fins dos anos 1960, unidas às leituras de obras hoje clássicas, como a de Simone de Beauvoir, *O segundo sexo* — marco indiscutível para todos(as) que buscassem uma abordagem sobre as mulheres —, a de Heleieth Saffioti, *A mulher na sociedade de classes. Mito e realidade*, e, ainda, a de Betty Friedan, *A mística feminina*, foram fundamentais para que esse sentimento tomasse vulto.

Qual papel você acha que um historiador ou uma historiadora pode desempenhar neste movimento?

Como em qualquer objeto, cabe àqueles(as) que exercem tal mister analisar o movimento, buscando decodificar suas razões, vertentes, significados etc.. Considero significativo uma sensibilidade para com o mesmo. Pois, ao contrário de alguns anos atrás, como já me referi em outros locais, quando a maioria dos(as) historiadores(as), em nome da objetividade, fazia questão de afirmar sua distância (neutralidade) com relação ao seu objeto de estudo, não faltariam críticas a esse tipo de motivação. Hoje, ao contrário, não são poucos(as) aqueles(as) que confessam a “ligação estreita, íntima, que mantém com o seu trabalho”. E, segundo Pierre Nora, “um interesse confessado e elucidado oferece um abrigo mais seguro do que vagos projetos de objetividade”.

Como diferenciar a História das Mulheres e os Estudos de Gênero? Como a historiografia vem lidando com os dois nos últimos anos? O seu trabalho volta-se mais para um ou para o outro?

Acho que, mais do que pensar as diferenças, cabe acentuar sua complementaridade. As discussões sobre a questão são hoje inúmeras, e aproveito para transcrever o trecho final do artigo “A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero”, publicado na *Revista Brasileira de História*, 27, 54 (2007), de autoria da professora Joana Maria Pedro em conjunto comigo, onde buscamos sintetizar a questão:

Algumas opções história de gênero e história das mulheres – que, na verdade, caminham para uma interpenetração que impede a abordagem isolada de cada uma destas, às quais se juntam as abordagens sobre gays/lésbicas e sobre masculinidades. Criatividade, sensibilidade e imaginação, tornam-se fundamentais na busca de pistas que permitam transpor o silêncio e a invisibilidade, que perduram por tão longo tempo quanto ao passado feminino. Estamos, assim, preparadas para fazer frente àqueles que, na Academia, ainda não nos reconhecem como parceiras plenas, tentando relegar-nos a posições periféricas face ao caráter “secundário” de nossas preocupações.

6. Acerca de seu último trabalho sobre a trajetória da historiadora Michelle Perrot, qual a importância da historiadora francesa hoje? E qual foi a influência dela na trajetória de Rachel Soihet?

Considero fundamental a importância de Michelle Perrot como historiadora, quer do ponto de vista teórico, quer pela sua sensibilidade, o que lhe permite transitar por diversas sendas, além de ter aberto caminho para outros/as tantos/as não apenas na França como em diversas partes do mundo.

Hoje você se considera feminista? Que importância esse movimento teve na sua vida?

Se ser feminista significa uma postura de busca de direitos para as mulheres, tendo em vista uma sociedade igualitária, assim me considero. Tal fato me permitiu vislumbrar que a luta por direitos deve-se realizar em diversos níveis, o que por longa data ficou obscurecido. Assim, tornou-se nítido que há que se empenhar pela equiparação em termos de classe, gênero, raça e etnia, geração etc. como ideal a ser atingido em uma sociedade, sem o que a igualdade é uma falácia.